



FOLHA MISSIONÁRIA

Ano IV

Arquidiocese de Juiz de Fora

Abril / 2014

Nº 41

Páscoa

Dom Gil completa cinco anos à frente da Arquidiocese de Juiz de Fora

Página 2

Pe. Anchieta, João XXIII e João Paulo II: Igreja proclama três novos Santos

Página 6

Militares se reúnem na Catedral para Missa pelos 70 anos de envio da FEB para a 2ª Guerra Mundial

Página 6

Festa da Vida

Catequese do Papa

FORMAÇÃO JOVEM

Comunidade Jovens Missionários Continentais
Arquidiocese de Juiz de Fora

De 02/05 à 04/05



Leia nesta edição a mensagem do Papa Francisco para a Quaresma

Página 5



Tema: "O jovem como discípulo missionário de Jesus Cristo"

Local: Seminário Arquidiocesano Santo Antônio

Editorial

Procissões: um meio de comunicar a Fé

Pe. Antônio Camilo de Paiva
Editor Chefe

A Semana Santa é celebrada de maneira muito intensa pelos católicos no mundo inteiro. Para comunicar a essência da mensagem da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja Católica utiliza várias linguagens, dentre elas, a liturgia, o teatro, as imagens e as procissões.

Neste Editorial, trataremos das procissões não como um mero caminhar juntos, mas como linguagem religiosa “de significado universal” que acrescenta ao rito “sentimentos de penitência, de súplica e de ação de graças”. É uma linguagem que reforça o sentido de pertença e de fraternidade entre os que creem. Os cantos e as orações fazem com que a comunidade caminhante celebre, ativamente, um dado momento, no caso aqui, a Semana Santa.

Como comunicação catequética, a procissão tem como finalidade dizer aos homens “que eles são peregrinos, despertar a parte nômade da alma, para que se recordem de que a sua permanência aqui na Terra não é estável, porém transitória (cf. Hb 13,14; 1Cor 5,6)”. Desse modo, a procissão tem uma cumplicidade, ou seja, uma identificação com a peregrinação. E um exemplo bíblico dessa realidade é a caminhada do êxodo. Ela pode ser interpretada como peregrinação e como uma grande procissão. Entretanto, apesar da peregrinação ser um conceito mais amplo que o da procissão, ambas se visitam e se misturam em muitos pontos. De fato, “a procissão pode ser a parte ritualizada da peregrinação; na peregrinação, podem transformar

em procissão os momentos mais importantes, como o começo e o fim”. Porém, há uma diferença entre as duas: a peregrinação pode ser tanto individual quanto comunitária e a procissão é sempre em comunidade.

É fundamental, portanto, não confundir procissão com passeatas, marchas ou coisas do gênero. As procissões têm caráter de memorial que comunica verdades bíblicas, teológicas e catequéticas. Elas “são celebrações que se inserem na história da salvação, que dão uma imagem da Igreja peregrina e são sinal de sua realidade passada, presente e futura”.

Para ajudar o leitor a entender a importância e o exercício espiritual das procissões da Semana Santa, citaremos algumas procissões realizadas pelo povo da Bíblia: A procissão do Êxodo; A volta do Exílio (Is 40,3; Esd 1, 8-11; Ez 10, 4.18.23); Em volta de Jericó portando a arca (Js 6,1-16); O transporte da arca para Jerusalém (2Sm 6, 12-19); A procissão de Neemias (Ne 12, 27-43); a procissão de Judite (Jt 15, 12-18) e a entrada de Jesus em Jerusalém (Lc 19, 4).

Assim, desejamos que você participe intensamente das procissões e Vias-Sacras em sua Paróquia. É um dos modos dos cristãos comunicarem a mensagem bíblica da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Participar das procissões na Semana Santa é, de qualquer modo, identificar-se, à Luz da Bíblia, como Novo Povo de Deus a caminho.

**Feliz Páscoa e
boa leitura!**

Expediente

Diretor Fundador:
Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe:
Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável:
Leandro Novaes MTB 14.078
Contato: folha.missionaria@gmail.com

Conselho Editorial:
Pe. Eduardo Almeida da Rocha
Pe. Elton Adriane de Oliveira

Impressão:
Fundação Mariana Resende Costa - FUMARC
(31) 3249-7400 - www.fumarc.com.br

Tiragem:
15.500 exemplares

Redação:
Edifício Christus Lumen Gentium – Juiz de Fora – MG
Tel.: (32) 3229 – 5450

Dom Gil completa cinco anos à frente da Arquidiocese de Juiz de Fora

Colaboração: Assessoria de Comunicação



Celebração de cinco anos de posse de Dom Gil
Foto: Assessoria de Comunicação

No último dia 29 de março, o Arcebispo Dom Gil Antônio Moreira celebrou, na Catedral Metropolitana, a Missa comemorativa de seus cinco anos de posse na Arquidiocese de Juiz de Fora. Na ocasião, também foi lembrado o aniversário natalício do Vigário Geral e Pároco da Catedral, Monsenhor Luiz Carlos de Paula. Concelebraram com eles o Monsenhor Miguel Falabella, Pe. Antônio Pereira Gaio, Pe. Luciano Atanázio e os Diáconos Waldecir Rodrigues da Silva e Wellington Nascimento de Souza.

Durante a Homilia, Dom Gil refletiu sobre o Evangelho, em que Jesus cura um cego de nascença, devolvendo-lhe a visão. Segundo o Arcebispo, a cegueira representa, na época, a não aceitação de Cristo pelos judeus e, atualmente, o mundo que vive sem Deus. “Quem encontra Cristo, encontra a luz. Esse é um dos motivos de recebermos uma vela acesa em nosso Batismo”, afirmou.

Após a celebração, o Pastor destacou o quanto foi bem recebido pelas comunidades da Arquidiocese de Juiz

de Fora, o que continua acontecendo em cada uma de suas visitas pastorais. O Arcebispo ainda enumerou as principais realizações de seu episcopado. “Não posso deixar de citar a realização do I Sínodo Arquidiocesano, cujas atividades foram realizadas durante um ano e meio e que tem efeitos até hoje. Destaco também a fundação da Comunidade dos Jovens Missionários Continentais, o investimento na formação bíblico-catequética do povo e a construção da nova sede da Cúria Metropolitana, o Edifício *Christus Lumen Gentium*”.

Dom Gil Antônio Moreira foi nomeado Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora pelo Papa Bento XVI, tendo tomado posse em 28 de março de 2009. Antes disso, já havia sido Bispo Auxiliar de São Paulo e Bispo Diocesano de Jundiá.

Monsenhor Miguel Falabella completa 60 anos de sacerdócio



O Vigário Geral da Arquidiocese de Juiz de Fora, Monsenhor Miguel Falabella de Castro, completa, este mês, 60 anos de sacerdócio. Monsenhor Falabella foi ordenado Padre em 25 de abril de 1954.

Sempre dedicado, muito contribuiu para o crescimento de nossa Igreja Particular. Desde a sua ordenação, trabalhou no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, na Catedral Metropolitana – por quase 40 anos – e na Paróquia São Geraldo, no bairro Teixeiras, em Juiz de Fora, onde atua de desde 2002.

Nesta longa jornada, já foi Membro do Conselho de Consultores (1998), Membro do Conselho Presbiteral, Diretor da Federação

das Congregações Marianas, Membro do Colégio Episcopal, Provedor da Irmandade Nosso Senhor dos Passos (Santa Casa de Misericórdia), e atualmente Vigário Geral da Arquidiocese.

Para comemorar o aniversário de ordenação, o Arcebispo Dom Gil Antônio Moreira irá presidir uma celebração na Catedral Metropolitana, no próximo dia 25 de abril, sexta-feira, às 19h. Na Paróquia São Geraldo, também haverá uma programação especial, ainda a ser definida.



Páscoa: A Festa da Vitória

Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora



Quando chega a Páscoa, tudo reflete alegria! Recordar-se e celebrar-se que Cristo venceu o mal e a morte e recobrou para nós a esperança. O mal não tem vez e a derrota perdeu seu poder. O que parecia impossível tornou-se realidade, o que parecia perdido, reviveu. A semente que parecia não dar em nada produziu muito fruto. “A pedra rejeitada pelos construtores tornou a pedra angular (At 4,11)”.

É tempo de cantar aleluia e de aclamar o Senhor do céu e da terra, rei único e poderoso que não permite que o homem, fraco e pecador, desanime e se perca, mas o retira do abismo de suas subcondições e o coloca em estado de dignidade, segurança e exultação. Por isso, Paulo aclama: “Onde está tua vitória, ó morte; onde está teu aguilhão?” (I Cor 15,55).

A Páscoa é o centro da vida do homem que tem fé, é a razão de todas as suas festas e de todas as suas conquistas, é celebração que reúne todas as realizações que cada pessoa e cada comunidade conseguiu para fazer crescer o Reino de Deus. Na Páscoa, tudo toma novo sentido e tudo retoma novo ânimo. Papa Francisco escreveu a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* com o fim de mostrar que Deus nos quer alegres e que não podemos permanecer apenas em clima de quaresma. Afirma o Sucessor de Pedro: “Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda pra cumprir a missão que nos confia. A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual”. (EG 275-276).

Uma das celebrações mais bonitas do calendário cristão é, sem dúvida, a Vigília Pascal. A riqueza de símbolos é encantadora. As trevas do começo da liturgia simbolizam a escuridão do túmulo de Cristo entre a Sexta-feira Santa e o Domingo da Ressurreição, e

também a escuridão dos túmulos em que às vezes vivemos quase sem esperança e sem nada enxergar. O fogo representa a presença de Deus na história. Recordemos a sarça ardente do Sinai. Aquece, ilumina, queima, mas não destrói a criatura amada. A luz que se acende à porta da Igreja, sob a coluna de cera, o círio pascal, é a luz de Cristo que vai vencendo as trevas do templo e pouco a pouco a todos ilumina. O canto do “*Exultet*” que o Diácono vibra com sua voz ao lado do círio pascal, agora sobre o candelabro enfeitado, mas ainda na penumbra, é o anúncio que algo novo está acontecendo e que a morte não pôde apagar a luz que Deus criou. Recordemos o prólogo de São João: “A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não puderam dominá-la” (Jo 1,5). Ao canto do Glória, tudo agora muda. A luz se plenifica, os sinos que estavam calados desde sexta-feira agora tocam em tons festivos. O povo, de pé, canta com vontade ao Deus da vida que venceu a morte, saúda o Cristo Ressuscitado que está vivo e não morre mais. O fiel sente no segredo do coração que nunca deve e nem precisa se desesperar diante da ameaça das derrotas e nem nas ofen-

sas que seu irmão pode ter-lhe feito e quase o destruiu. A luz prevaleceu. Deus o atendeu em suas súplicas. O que parecia derrota, agora virou vitória. O canto dos Aleluias prossegue as vibrações do Glória e funciona como uma espécie de supra razão, uma vez que a maioria nem saberia explicar racionalmente o sentido etimológico do termo. Não importa. Sabe-se que se está louvando de forma totalmente nova a Deus surpreendente em seus mistérios e mais surpreendente no seu amor.

Chega-se na liturgia do Sábado Santo, ao Rito da Água. Que maravilha são os termos da bênção solene da água! Literariamente é, sem dúvida, um dos mais belos textos litúrgicos. Ele narra a ação de Deus na história das pessoas. Água viva que traz vida nova. Lava, purifica, sacia a sede, enche-me de novo de vigor e esperança. Recordemos o diálogo perfeito entre Cristo e a Samaritana à beira do poço de Jacó: “Se soubesses quem é que te pede água...” (Jo 4,6). A água está ali para dar vida nova os catecúmenos, que agora serão batizados. De simples criaturas, agora se tornam em filhos de Deus. Quem diria?! O ser frágil da pessoa humana,

sujeita a erros e a pecados, pode ser, por misericórdia e pelo segredo do amor divino, elevada à condição de filho de Deus! É que o Filho se fez carne, para salvar toda carne dos mortais e abrir as portas da eternidade para aqueles que pareciam perdidos.

A Eucaristia é o ponto culminante da liturgia pascal. A alegria da alma chega ao seu ponto mais alto. O Senhor ressuscitou, está vivo entre nós, se faz alimento para os famintos de coração, força na caminhada terrena que culminará na posse de Deus quando chegarmos à eternidade! “Meu lugar é o céu! É lá que eu quero morar!” canta o jovem Canção Nova.

Eucaristia: ó mistério admirável! Dele pode comer o pobre e o rico, o inculto e o sábio, o pequeno e o grande! Tudo se torna igual, perfeitamente igual, no alto nível do amor, pois a vida venceu a morte e eliminou as diferenças, a todos faz irmãos.

Cristo Ressuscitou! Aleluia! Estamos salvos para sempre! Páscoa: festa da alegria de Deus no coração da pessoa humana.

Feliz e santa Páscoa a você que me acaba de ler.

Câmaras Municipais de Juiz de Fora e cidades vizinhas recebem visita de Dom Gil para falar sobre a Campanha da Fraternidade 2014



Visita à Câmara Municipal de Juiz de Fora
Foto: Assessoria de Comunicação

Na última semana de março, especificamente nos dias 25, 27 e 28, Dom Gil Antônio

Moreira visitou algumas câmaras municipais de cidades pertencentes à Arquidiocese de Juiz de

Fora, para ministrar palestras aos vereadores sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2014: “Fraternidade e Tráfico Humano”.

O Arcebispo não ficou preso apenas no que disse o texto-base da CF, que segundo ele está incompleto, mas discorreu também sobre as causas deste estado de desrespeito à pessoa humana e a ausência de uma formação humanitária que inclua autêntica educação sexual, evitando que as crianças e jovens sejam formados (ou deformados) com

uma mentalidade hedonista, permissivista e promíscua.

Segundo ele, a Campanha da Fraternidade não interessa apenas aos católicos, mas toda a sociedade. “Geralmente o tema da CF interessa a todos, pois não é um tema confessional, mas sim um assunto que está dentro das áreas do direito e da dignidade da pessoa humana”.

Dom Gil ressaltou ainda que o intuito dessas visitas foi levar a reflexão aos legisladores e aos governantes.

“Essas visitas são uma oportunidade da Igreja dialogar com a sociedade sobre temas que interessem a todos. O tráfico humano é um pecado social, uma grave lacuna, uma chaga social que acontece em nosso país e nossos governantes devem estar sempre informados e atentos a respeito do assunto”, refletiu.

Além de Juiz de Fora, o Arcebispo passou pelas câmaras municipais de Santos Dumont, Santa Bárbara do Monte Verde e São João Nepomuceno.

Páscoa, Festa da Vida

A Páscoa significa a passagem da “morte para a vida”, das “trevas para a luz”. É a festa mais importante da Igreja Católica, pois nela se celebra o mistério da salvação, onde os cristãos celebram a ressurreição, após a morte e crucificação de Jesus Cristo.

Significado

Muito antes de ser considerada a festa da ressurreição de Cristo, a Páscoa anunciava o fim do inverno e a chegada da primavera. A palavra "Páscoa" – do hebreu "peschad" – significa "passagem". Sempre representou a passagem de um tempo de trevas para outro de luzes, isso muito antes de ser considerada uma das principais festas da cristandade.

A Páscoa cristã celebra a ressurreição de Jesus Cristo, que, segundo a Bíblia ocorreu três dias após a sua crucificação. É comum, em todas as Igrejas cristãs, o domingo ser um dia destinado à comemoração da ressurreição de Cristo, realizada pela Eucaristia. Contudo, o Domingo de Páscoa é diferenciado dos outros; neste é celebrado o aniversário da ressurreição de Cristo, a festa da vida.

Essa festa faz referência à última Ceia de Jesus com os discípulos, sua prisão, julgamento, condenação, crucificação e ressurreição. A celebração inicia-se no Domingo de Ramos e termina no Domingo de Páscoa, na Semana Santa. É uma das festas mais antigas existentes, e a principal festa do ano litúrgico cristão.

Símbolos da Páscoa

As luzes, velas e fogueiras são uma marca das celebrações pascais. Em certos países, os católicos apagam todas as luzes de suas igrejas na sexta-feira da Paixão. Na véspera da Páscoa, fazem um novo fogo para acender o principal círio pascal e o utilizam para reacender todas as velas da igreja. Então, acendem suas próprias velas no grande círio pascal e as levam para casa a fim de utilizá-las em ocasiões especiais. O círio é a grande vela acesa na

Aleluia, simbolizando a luz dos povos, em Cristo. Alfa e Ômega nela gravadas querem dizer: "Deus é o princípio e o fim de tudo". Ainda temos como símbolos:

O Cordeiro



Simboliza Cristo, sacrificado em favor do seu rebanho; O cordeiro é o símbolo mais antigo da Páscoa, pois relembra o sacrifício realizado pelos israelitas, no primeiro dia pascal, como símbolo da libertação do Egito.

No Novo Testamento, Cristo é o Cordeiro de Deus que se sacrificou pela salvação de toda a humanidade. "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo."

A Cruz



Mistifica todo o significado da Páscoa, na ressurreição e também no sofrimento de Cristo; Jesus, que morreu na cruz para nos salvar, deu à humanidade mais uma lição de humildade. Sendo Filho de Deus, Ele morreu da forma mais humilhante que havia em seu tempo. A cruz nos recorda o sofrimento e a ressurreição de Jesus Cristo.

Pão e Vinho



Simbolizando a vida eterna, o corpo e o sangue de Jesus, oferecido aos seus

discípulos; Foi na Última Ceia, na Quinta-feira Santa, que Jesus escolheu o pão e o vinho para dar vazão ao seu amor. Transformados em seu Corpo e Sangue, os alimentos foram oferecidos a seus discípulos.

Óleos Santos



É na Quinta-feira Santa que se celebra a Missa do Crisma. A cerimônia ocorre nas Catedrais, onde os óleos sacramentais usados no batismo, na crisma e na unção dos enfermos são abençoados pelo Bispo e pelos Sacerdotes.

O óleo simboliza o Espírito Santo, aquele que nos dá forças para viver o Evangelho de Jesus Cristo.

O fogo



No início da cerimônia da Vigília Pascal, na noite do Sábado Santo, a celebração é iniciada com a bênção do fogo, chamado de "fogo novo", símbolo da vida nova, da realidade da criação renovada pela morte e ressurreição de Jesus.

O Círio Pascal



É uma grande vela, que deve ser acesa todos os anos, pela primeira vez, no Sábado Santo, no início da celebração da Vigília Pascal. Nela, é feita a inscrição dos quatro algarismos do ano em curso, depois se cravam cinco grãos de incenso para

lembrar as cinco chagas de Jesus, além de duas letras gregas "Alfa" e "Ômega" - a primeira e a última letra do alfabeto grego. O alfa representa o princípio; o ômega, o fim.

Durante a cerimônia, reza-se: "Por suas santas chagas, suas chagas gloriosas, Cristo Senhor nos proteja e nos guarde. Amém". O sacerdote acende, depois, o Círio, que é a Luz de Cristo. Entoa-se o refrão: "Eis a Luz de Cristo". E todos respondem: "Demos graças a Deus!". Na porta da igreja, canta-se pela segunda vez. Todos acendem as velas no fogo do Círio Pascal e a procissão entra na igreja, que está às escuras. Chegando no altar, canta-se, novamente; então, todas as luzes da igreja são acesas.

Após a solene entronização e incensação do Círio, o sacerdote entoa a proclamação solene da Páscoa, cantando o Exultet, que são as maravilhas da libertação do Senhor, vindo em socorro da humanidade e protegendo seu povo eleito. É um canto de louvor em ação de graças à vitória de Cristo que realizou a passagem, a Páscoa para a vida do amor e da fraternidade.

O Círio, simbolizando o Cristo vivo e ressuscitado é a luz que ilumina e guia a vida do cristão, pois o próprio Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo!", "Eu sou o princípio e o fim".

A água batismal



No Sábado Santo, durante a celebração da Vigília Pascal, o sacerdote faz a bênção da água batismal que será utilizada nos batismos durante todo o ano, mergulhando o Círio Pascal na água, invocando a força do Espírito Santo, havendo ou não batismos.

Na aspersão da água benta no povo, realiza-se a renovação das promessas batismais. A água simboliza a pureza, a purificação e

a renovação.

Coelhos



É o símbolo da fertilidade. São animais que reproduzem com facilidade e em grande quantidade. Representam, portanto, a capacidade que a Igreja tem de produzir novos discípulos e espalhar, pelo mundo, a mensagem de Cristo.

Ovos de Páscoa



Simbolizam uma nova vida. Os cristãos primitivos do oriente foram os primeiros a dar ovos coloridos na Páscoa, simbolizando a ressurreição, o nascimento para uma nova vida. A Ressurreição de Jesus também indica o princípio de uma nova vida.

As origens exatas dos ovos de chocolate são incertas. Alguns associam à proibição da ingestão de alimentos de origem animal no período da quaresma, havendo sua substituição pelo chocolate e outros acreditam que está ligado ao surgimento e crescimento da própria indústria de chocolate no século XIX. Atualmente, presentear com ovos de chocolate na páscoa já faz parte das tradições comemorativas de vários povos pelo mundo nesse período.

Mas o que não se pode esquecer é que mais do que as toneladas de chocolate, o centro de nossa fé será sempre Cristo, que morreu e ressuscitou para nos mostrar que o Reino de Deus, pregado por Ele, está presente e vivo entre nós. Esse sim é o verdadeiro sentido da Páscoa.



Catequese do Papa

Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2014

Fez-se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9)

Queridos irmãos e irmãs!

Por ocasião da Quaresma, ofereço-vos algumas reflexões com a esperança de que possam servir para o caminho pessoal e comunitário de conversão. Como motivo inspirador tomei a seguinte frase de São Paulo: «Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza» (2 Cor 8, 9). O Apóstolo escreve aos cristãos de Corinto encorajando-os a serem generosos na ajuda aos fiéis de Jerusalém que passam necessidade. A nós, cristãos de hoje, que nos dizem estas palavras de São Paulo? Que nos diz, hoje, a nós, o convite à pobreza, a uma vida pobre em sentido evangélico?

A graça de Cristo

Tais palavras dizem-nos, antes de mais nada, qual é o estilo de Deus. Deus não Se revela através dos meios do poder e da riqueza do mundo, mas com os da fragilidade e da pobreza: «sendo rico, Se fez pobre por vós». Cristo, o Filho eterno de Deus, igual ao Pai em poder e glória, fez-Se pobre; desceu ao nosso meio, aproximou-Se de cada um de nós; despojou-Se, «esvaziou-Se», para Se tornar em tudo semelhante a nós (cf. *Fil* 2, 7; *Heb* 4, 15). A encarnação de Deus é um grande mistério. Mas, a razão de tudo isso é o amor divino: um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, não hesitando em doar-Se e sacrificar-Se pelas suas amadas criaturas. A caridade, o amor é partilhar, em tudo, a sorte do amado. O amor torna semelhante, cria igualdade, abate os muros e as distâncias. Foi o que Deus fez conosco. Na realidade, Jesus «trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 22).

A finalidade de Jesus Se fazer pobre não foi a pobreza em si mesma, mas – como diz São Paulo – «para vos enriquecer com a sua pobreza». Não se trata dum jogo de palavras, duma frase sensacional. Pelo contrário, é uma síntese da lógica de Deus: a lógica do amor, a lógica da Encarnação e da Cruz. Deus não fez cair do alto a salvação sobre nós, como a esmola de quem dá parte do próprio supérfluo com piedade filantrópica. Não é assim o amor de Cristo! Quando Jesus desce às águas do Jordão e pede a João Baptista para o batizar, não o faz porque tem necessidade de penitência, de conversão; mas fá-lo para se colocar no meio do povo necessitado de perdão, no meio de nós pecadores, e carregar sobre Si o peso dos nossos pecados. Este foi o caminho que Ele escolheu para nos consolar, salvar, libertar da nossa miséria. Faz impressão ouvir o Apóstolo dizer que fomos libertados, não por meio da riqueza de Cristo, mas *por meio da sua pobreza*. E todavia São Paulo conhece bem a «insondável riqueza de Cristo» (*Ef* 3, 8), «herdeiro de todas as coisas» (*Heb* 1, 2).

Em que consiste então esta pobreza com a qual Jesus nos liberta e torna ricos? É precisamente o seu modo de nos amar, o seu aproximar-Se de nós como fez o Bom Samaritano com o homem abandonado meio morto na berma da estrada (cf. *Lc* 10, 25-37). Aquilo que nos dá verdadeira liberdade, verdadeira salvação e verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, de ternura e de partilha. A pobreza de Cristo, que nos enriquece, é Ele fazer-Se carne, tomar sobre Si as nossas fraquezas, os nossos pecados, comunicando-nos a misericórdia infinita de Deus. A pobreza de Cristo é a maior riqueza: Jesus é rico de confiança ilimitada em Deus Pai, confiando-Se a Ele em todo o momento, procurando sempre e apenas a sua vontade e a sua glória. É rico como o é uma criança que se sente amada e ama os seus pais, não duvidando um momento sequer do seu amor e da sua ternura. A riqueza de Jesus é Ele ser o *Filho*: a sua

relação única com o Pai é a prerrogativa soberana deste Messias pobre. Quando Jesus nos convida a tomar sobre nós o seu «jugo suave» (cf. *Mt* 11, 30), convida-nos a enriquecer-nos com esta sua «rica pobreza» e «pobre riqueza», a partilhar com Ele o seu Espírito filial e fraterno, a tornarmos filhos no Filho, irmãos no Irmão Primogénito (cf. *Rm* 8, 29).

Foi dito que a única verdadeira tristeza é não ser santos (Léon Bloy); poder-se-ia dizer também que só há uma verdadeira miséria: é não viver como filhos de Deus e irmãos de Cristo.

O nosso testemunho

Poderíamos pensar que este «caminho» da pobreza fora o de Jesus, mas não o nosso: nós, que viemos depois d'Ele, podemos salvar o mundo com meios humanos adequados. Isto não é verdade. Em cada época e lugar, Deus continua a salvar os homens e o mundo *por meio da pobreza de Cristo*, que Se fez pobre nos Sacramentos, na Palavra e na sua Igreja, que é um povo de pobres. A riqueza de Deus não pode passar através da nossa riqueza, mas sempre e apenas através da nossa pobreza, pessoal e comunitária, animada pelo Espírito de Cristo.

À imitação do nosso Mestre, nós, cristãos, somos chamados a ver as misérias dos irmãos, a tocá-las, a ocupar-nos delas e a trabalhar concretamente para as aliviar. A *miséria* não coincide com a *pobreza*; a *miséria* é a pobreza sem confiança, sem solidariedade, sem esperança. Podemos distinguir três tipos de miséria: a miséria material, a miséria moral e a miséria espiritual. A *miséria material* é a que habitualmente designamos por pobreza e atinge todos aqueles que vivem numa condição indigna da pessoa humana: privados dos direitos fundamentais e dos bens de primeira necessidade como o alimento, a água, as condições higiénicas, o trabalho, a possibilidade de progresso e de crescimento cultural. Perante esta miséria, a Igreja oferece o seu serviço, a sua

diakonia, para ir ao encontro das necessidades e curar estas chagas que deturpam o rosto da humanidade. Nos pobres e nos últimos, vemos o rosto de Cristo; amando e ajudando os pobres, amamos e servimos Cristo. O nosso compromisso orienta-se também para fazer com que cessem no mundo as violações da dignidade humana, as discriminações e os abusos, que, em muitos casos, estão na origem da miséria. Quando o poder, o luxo e o dinheiro se tornam ídolos, acabam por se antepor à exigência duma distribuição equitativa das riquezas. Portanto, é necessário que as consciências se convertam à justiça, à igualdade, à sobriedade e à partilha.

Não menos preocupante é a *miséria moral*, que consiste em tornar-se escravo do vício e do pecado. Quantas famílias vivem na angústia, porque algum dos seus membros – frequentemente jovem – se deixou subjugar pelo álcool, pela droga, pelo jogo, pela pornografia! Quantas pessoas perderam o sentido da vida; sem perspectivas de futuro, perderam a esperança! E quantas pessoas se vêem constringidas a tal miséria por condições sociais injustas, por falta de trabalho que as priva da dignidade de poderem trazer o pão para casa, por falta de igualdade nos direitos à educação e à saúde. Nestes casos, a miséria moral pode-se justamente chamar um suicídio incipiente. Esta forma de miséria, que é causa também de ruína económica, anda sempre associada com a *miséria espiritual*, que nos atinge quando nos afastamos de Deus e recusamos o seu amor. Se julgamos não ter necessidade de Deus, que em Cristo nos dá a mão, porque nos consideramos auto-suficientes, vamos a caminho da falência. O único que verdadeiramente salva e liberta é Deus.

O Evangelho é o verdadeiro antídoto contra a miséria espiritual: o cristão é chamado a levar a todo o ambiente o anúncio libertador de que existe o perdão do mal cometido, de que Deus é maior que o nosso pecado e nos ama gratuitamente e sempre, e

de que estamos feitos para a comunhão e a vida eterna. O Senhor convida-nos a sermos jubilosos anunciadores desta mensagem de misericórdia e esperança. É bom experimentar a alegria de difundir esta boa nova, partilhar o tesouro que nos foi confiado para consolar os corações dilacerados e dar esperança a tantos irmãos e irmãs imersos na escuridão. Trata-se de seguir e imitar Jesus, que foi ao encontro dos pobres e dos pecadores como o pastor à procura da ovelha perdida, e fê-lo cheio de amor. Unidos a Ele, podemos corajosamente abrir novas vias de evangelização e promoção humana.

Queridos irmãos e irmãs, possa este tempo de Quaresma encontrar a Igreja inteira pronta e solícita para testemunhar, a quantos vivem na miséria material, moral e espiritual, a mensagem evangélica, que se resume no anúncio do amor do Pai misericordioso, pronto a abraçar em Cristo toda a pessoa. E poderemos fazê-lo na medida em que estivermos configurados com Cristo, que Se fez pobre e nos enriqueceu com a sua pobreza. A Quaresma é um tempo propício para o despojamento; e far-nos-á bem questionar-nos acerca do que nos podemos privar a fim de ajudar e enriquecer a outros com a nossa pobreza. Não esqueçamos que a verdadeira pobreza dói: não seria válido um despojamento sem esta dimensão penitencial. Desconfio da esmola que não custa nem dói.

Pedimos a graça do Espírito Santo que nos permita ser «tidos por pobres, nós que enriquecemos a muitos; por nada tendo e, no entanto, tudo possuindo» (2 Cor 6, 10). Que Ele sustente estes nossos propósitos e reforce em nós a atenção e solicitude pela miséria humana, para nos tornarmos misericordiosos e agentes de misericórdia. Com estes votos, asseguro a minha oração para que cada crente e cada comunidade eclesial percorra frutuosamente o itinerário quaresmal, e peço-vos que rezeis por mim. Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!

Pe. Anchieta, João XXIII e João Paulo II

Igreja Católica proclama três novos Santos



Padre Anchieta



João XXIII



João Paulo II

A Igreja está vivendo momentos marcantes na história das canonizações, proclamando santos Padre José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil (1534 - 1597), no dia 03 de abril, e os Papas João XXIII (1958 - 1963) e João Paulo II (1978 - 2005), dia 27 de abril. Na verdade, estes momentos proclamam a beleza da santidade de Deus refletida nas pessoas que lhe foram fiéis em suas vidas terrenas, e funcionam como exemplos e motivação para que todos sejamos santos, como nos ensinou Jesus: “sejam santos como vossa celeste é santo”. A proclamação da santidade em alguém é também expressão da fé na intercessão daqueles que já estão plenamente imersos em Cristo, único mediador junto do Pai.

Para o Brasil, a canonização do Padre Anchieta marca a história nacional, pois ele aqui vi-

veu longos anos do século XVI numa vida exemplar e totalmente dedicada à missão em várias partes do país, num trabalho de catequese, alfabetização e formação humana dos índios, sendo um dos fundadores da maior cidade de nosso país, São Paulo, em 1554.

Com a canonização, Pe. Anchieta, espanhol de nascimento, se tornou o terceiro santo a ter laços estreitos com o Brasil. A primeira foi Madre Paulina, santa desde 2002, quando o Papa João Paulo II a canonizou. Em seguida, Frei Galvão, brasileiro nascido em Guaratinguetá (SP), proclamado Santo Antônio de Sant’Ana Galvão em 2007, pelo Papa Emérito Bento XVI.

João XXIII e João Paulo II

Juntos a Pio X,

canonizado em 03 de setembro de 1954, João XXIII e João Paulo II somam agora três pontífices proclamados santos nos últimos 100 anos. A data da dupla canonização corresponde à festa da Divina Misericórdia, estabelecida por João Paulo II no primeiro domingo depois da Páscoa.

Milhares de pessoas são esperadas na praça São Pedro, boa parte delas procedentes da Polônia, para santificar dois pontífices muito humildes e próximos do povo, capazes de aglutinar as multidões.

João Paulo II, primeiro Papa polonês da história, conservador e muito popular nos mais de 100 países aos quais levou a Palavra da Igreja, será canonizado apenas nove anos depois de sua morte, um tempo recorde.

O Papa Emérito

Bento XVI preferiu não levar em consideração o prazo obrigatório de cinco anos para abrir o processo de beatificação e canonização do seu antecessor, que foi beatificado em maio de 2011. Já o Papa Francisco dispensou a atribuição de um milagre para canonizar João XXIII, por considerar que este detalhe não era necessário diante de uma vida tão santa.

João XXIII convocou o grande Concílio Vaticano II (1962-1965), que abriu a Igreja ao mundo para modernizar a instituição. Foi uma pessoa simples e de bom humor, atitude parecida com a do nosso atual Papa Francisco.

A canonização conjunta dos Papas mostra a intenção de Francisco de manter o equilíbrio entre duas figuras muito diferentes da Igreja, que geram devoção. No dia 05 de julho, o Papa Francisco assinou um Decreto que atribuiu um segundo milagre por intercessão de João Paulo II, ocorrido na Costa Rica.

Comemorações em Juiz de Fora

A Arquidiocese de

Juiz de Fora possui a primeira Paróquia do Brasil dedicada ao Beato João Paulo II. Por esse motivo, sua Canonização será comemorada com uma programação especial:

24 de abril:

18h30 – Terço – Igreja Nossa Senhora Aparecida

19h30 – Missa presidida por Dom Gil

25 de abril:

18h30 – Terço – Igreja Nossa Senhora Aparecida

19h30 – Missa – Igreja Nossa Senhora Aparecida

26 de abril:

18h30 – Procissão com saída do pátio da igreja de Santo Antônio, encerrando com a Missa na igreja de Nossa Senhora Aparecida.

27 de abril:

05h – Alvorada

06h – Missa de Canonização transmitida do Vaticano no telão – Igreja Nossa Senhora Aparecida

12h – Ângelus

14h – Carreata com a Imagem do Santo João Paulo II – Igreja Nossa Senhora Aparecida

19h – Missa Solene. Logo após, queima de fogos e apresentações culturais

Militares se reúnem na Catedral para Missa pelos 70 anos de envio da FEB para a 2ª Guerra Mundial

Na noite do último dia 21 de março, às 19h, a Catedral de Juiz de Fora foi palco da celebração comemorativa pelos 70 anos do envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a 2ª Guerra Mundial, na Itália. A Missa foi presidida pelo Arcebispo Metropolitano Dom Gil Antônio Moreira, e concelebrada por diversos Padres da Arquidiocese.

Participaram da celebração várias autoridades militares, recebidas pelo Comandante do Regimento de Juiz de Fora, General Brito, o Vice-Prefeito Sérgio Rodrigues, soldados do exército, da polícia militar, do corpo de bombeiros e alunos do colégio militar, além dos fiéis. O momento também marcou o encerramento

do centenário do nascimento de Frei Orlando, Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx), cujas comemorações tiveram início no dia 23 de fevereiro de 2013.

Após a procissão de entrada, os militares entraram com algumas relíquias de Frei Orlando e com a Bandeira Nacional. Em seguida, houve a execução do Hino Nacional pela banda do exército. Após a celebração, todos foram convidados a assistir um documentário sobre Frei Orlando, exibido em um telão.

Durante todo o dia, 30 réplicas de viaturas militares que foram usadas na 2ª Guerra Mundial ficaram expostas ao público no estacionamento da

Catedral de Juiz de Fora.

A programação festiva relacionada aos 70 anos do embarque da FEB para a Itália e ao centenário de nascimento de Frei Orlando começou em Morada Nova de Minas, onde nasceu o sacerdote. Atividades ainda foram realizadas em Divinópolis, Belo Horizonte e São João del-Rei. Depois de Juiz de Fora, também houve festividades em Petrópolis e no Rio de Janeiro, onde a programação foi encerrada ontem. Parte das festividades aconteceu aqui, pois a cidade é sede da 4ª Brigada de Infantaria Leve (Mth) e abriga uma das unidades regionais da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB).



Novos Santos

Padre Anchieta

José de Anchieta (1534 - 1597) foi um padre jesuíta espanhol. O "Apóstolo do Brasil" foi beatificado pelo Papa João Paulo II e canonizado pelo Papa Francisco, no dia 03 de abril de 2014. Com 14 anos de idade, estudou no Real Colégio das Artes em Coimbra. Ingressou na Companhia de Jesus e, ainda noviço, veio para o Brasil. Dedicou-se ao trabalho de educar os filhos dos colonos, a pacificar e catequizar os índios. Participou da Fundação de São Paulo. Lutou pela expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Viajou para Bahia, onde foi ordenado Padre. Escreveu cartas, sermões, poemas, peças teatrais e a Gramática Tupi, que foi usada em todas as missões dos jesuítas.

José de Anchieta nasceu em San Cristóbal de La Laguna, na ilha de Tenerife, nas Canárias, pertencente à Espanha. Filho de João Lopez de Anchieta, fidalgo basco, e Mência Dias de Clavijo y Lerena, descendente dos conquistadores de Tenerife. Aprendeu as primeiras letras em casa, ingressou na escola dos dominicanos. Aos 14 anos, em companhia de seu irmão mais velho, vai para Coimbra. Ingressa no Real Colégio das Artes, onde estuda humanidades e filosofia.

Em 1550, Anchieta candidata-se ao Colégio da Companhia de Jesus e, em 1551, é recebido como noviço. Em 1553, é escolhido para as missões em terras brasileiras. Com um grupo de religiosos, integra a frota de Duarte da Costa, segundo Governador-Geral do Brasil, enfrentando 65 dias de viagem, chefiados pelo Padre Luís de Grã. Ao descer na Capitania de São Vicente, Anchieta teve seu primeiro contato com os índios. A ação dos jesuítas na catequese dos índios se estendia de São



Vicente até os campos de Piratininga.

José de Anchieta e outros religiosos, com o objetivo de catequizar os índios carijós, sobem a Serra do Mar, rumo ao Planalto, onde vão se instalar e fundar o Colégio Jesuíta. No dia 24 de janeiro de 1554, dia da conversão do Apóstolo São Paulo, celebram uma missa, em sua homenagem. Era o início da fundação da cidade de São Paulo. Logo se formou um pequeno povoado. José de Anchieta aprendeu a língua tupi, o que mais tarde lhe permitiu escrever a Gramática tupi, que seria usada em todas as missões dos jesuítas.

Participou da luta para expulsão dos franceses, que em 1555, haviam invadido o Rio de Janeiro e conquistado os índios tamoios. Depois de várias lutas, finalmente foram expulsos no dia 18 de janeiro de 1567.

Em 1577, com 43 anos e 24 passados no Brasil, Anchieta é designado Provincial, o mais alto cargo da Companhia de Jesus no Brasil. Com a função de administrar os Colégios Jesuítas do país, viaja para Olinda (PE), Bahia, Reritiba – hoje Anchieta – (ES), Rio de Janeiro, Santos e São Paulo. Foram 10 anos de visitas.

Em 1597, o Padre José de Anchieta, já doente, vai para Reritiba, aldeia que fundou no Espírito Santo, onde passa seus últimos dias, falecendo no dia 09 de julho de 1597.

Missionários Continentais

Jovens Missionários Continentais:
Um projeto para todos

"Organizar missões populares nas Paróquias, com os jovens evangelizando jovens, chamando-os à participação na vida da Igreja" (Doc. Sinodal, 31)

Diácono Leonardo Loures

encantadora as visitas às famílias. Isso mostra o quanto a graça de Deus está presente no coração dos jovens, mas se encontra escondida, esperando ser percebida ou despertada. Mais maravilhoso é pensar que Ela permanece viva mesmo diante de tantas ameaças e desvalorização que sofre a juventude.

Neste mês de abril, acontecerá mais uma missão, dessa vez na Paróquia Santo Antônio, na cidade de Ewbank da Câmara, entre os dias 11 e 13. Celebrações, procissão, noite de louvor, além das visitas às famílias da Paróquia fazem parte da programação.

Atento aos apelos do Sínodo, acontecerá outro importante momento para a juventude, que será a formação jovem. O Documento Sinodal, no número 14, destaca a importância da formação da juventude: "a assembleia Sinodal, ouvindo a juventude, destacou o anseio dos mesmos para que se promova e estimule a formação de lideranças jovens e a formação nas dimensões humanas, cristã e eclesial". Sendo assim, a formação acontecerá entre os dias 02 e 04 de maio, e é aberta para todos os jovens de nossa Arquidiocese. O tema a trabalhar será "O jovem como discípulo missionário de Jesus Cristo". O evento acontece no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, e terá uma taxa de R\$15,00. A formação terá seu início no dia 02 de maio, às 21h.

Durante a realização do I Sínodo Arquidiocesano de Juiz de Fora (2009 a 2011), percebemos a importância da presença dos jovens em nossa Igreja Particular. Durante uma das assembleias sinodais, os jovens apresentaram o rosto de uma Igreja que os acolhe em suas diversidades e diferenças de grupos e movimentos existentes, e demonstraram o desejo na promoção de ações conjuntas entre eles, evangelizando os jovens de toda a nossa Arquidiocese. Além disso, foi apontada pelos mesmos a necessidade de um trabalho missionário, como vimos na citação no início desse texto. Inspirado em tudo isso, nasceu em nossa Arquidiocese o projeto Jovens Missionários Continentais (JMC), que visa a unidade entre jovens de diversos segmentos juvenis, seja pastoral, movimento, novas comu-

nidades, congregações religiosas ou grupos paroquiais de jovens. Sendo assim, todos são convidados a participar desse projeto.

No último mês, o JMC realizou sua primeira missão em Juiz de Fora. A mesma aconteceu na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, nos bairros Mundo Novo e Santa Cecília. Durante três dias, 60 jovens visitaram as casas, participaram das celebrações e momentos das comunidades. Essa missão contou com a presença dos jovens da turma de crisma da comunidade Nossa Senhora de Lourdes, do bairro Alto Grajaú, além dos jovens da própria paróquia do Mundo Novo. Todos eles vivenciaram, pela primeira vez, a experiência missionária e elogiaram todas as atividades que fizeram parte da programação das missões, sendo que destacaram como a mais

Homenagem Especial

Dom Antônio de Almeida Lustosa

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira

Dom Lustosa nasceu na cidade de São João Del Rei (MG) aos 11 de fevereiro de 1886, aniversário da primeira aparição da Imaculada em Lourdes.

Ordenou-se Padre pela Congregação Salesiana em 28 de janeiro de 1912. Ensinou Filosofia e Teologia. Foi mestre de noviços, diretor e vigário.

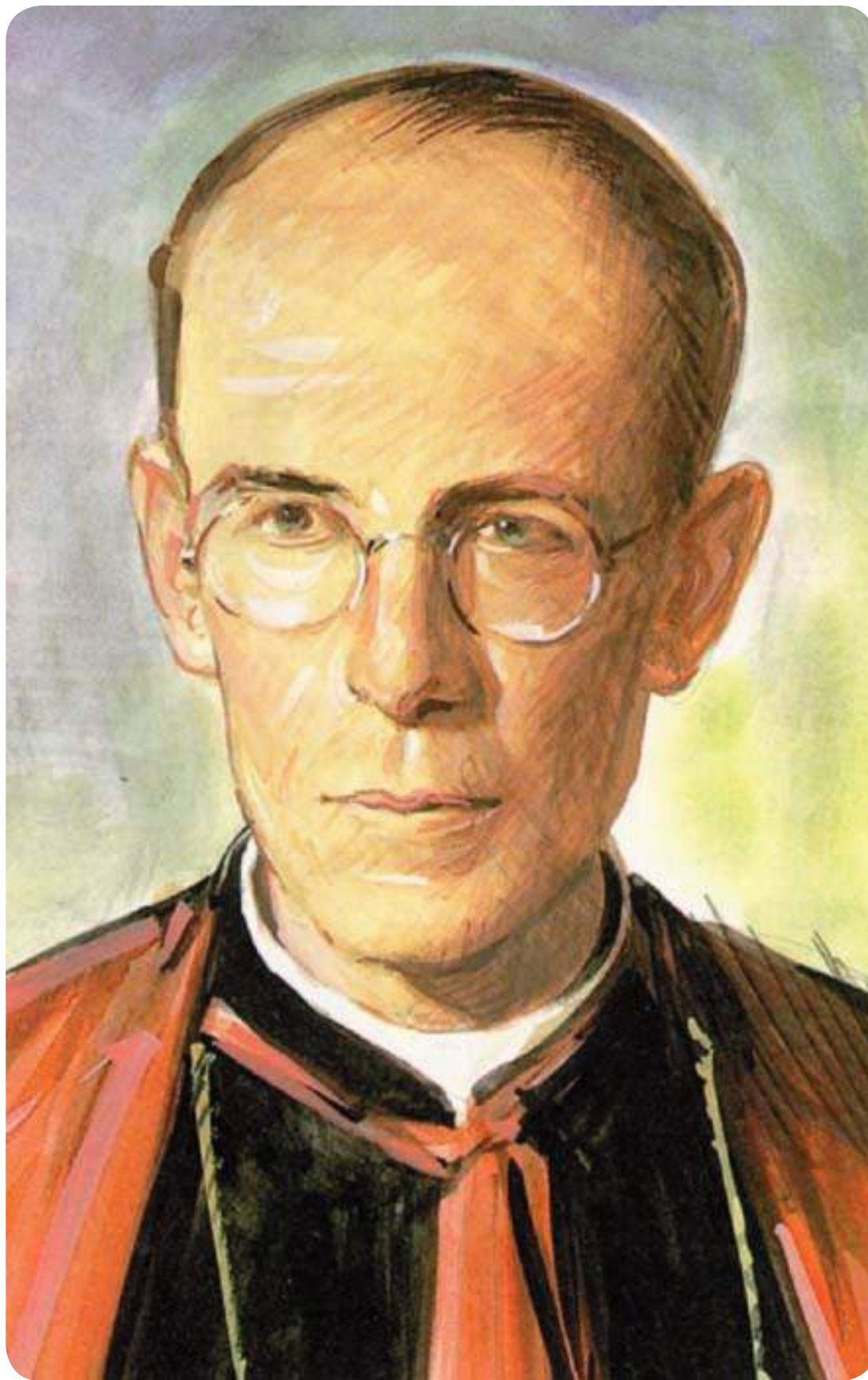
Foi nomeado Bispo de Uberaba, Diocese do Triângulo Mineiro, pelo Papa Pio XI, em 11 de fevereiro de 1925. Tomou posse no dia 1º de março do mesmo ano, e, já em sua primeira carta, consagrava sua Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, determinando que em todas as Paróquias da Diocese, em um dia fixo de cada mês, houvesse, durante todo o dia, a exposição do Santíssimo Sacramento, com o maior número de adoradores possível. Devoto de Santa Teresinha, dedicou sua 21ª Circular a ela, e presenteou cada Paróquia com uma estátua da mesma. Desejou erigir o Santuário Diocesano de Santa Teresinha, cuja pedra fundamental foi benta no dia 27 de dezembro de 1927.

O Bispo trabalhava a favor da instrução primária do povo, criando em todas as Paróquias as chamadas "Escolas Populares do Sagrado Coração de Jesus", como oportunidade de instrução religiosa nos Grupos e nos centros rurais de catecismo.

Em Água Suja (MG), hoje Romaria, havia uma capelinha em ruínas, mas muito frequentada, o que preocupava Dom Lustosa, que em 12 de maio de 1925 autorizou o início do novo Santuário de Nossa Senhora da Abadia, de Água Suja.

Após administrar a Diocese de Corumbá (MS), entre 1928 e 1931, e a Arquidiocese de Belém (PA), foi transferido para Fortaleza (CE), onde assumiu a Arquidiocese em 05 de novembro de 1941 e nela permaneceu até 29 de maio de 1963.

Na sua atividade de Pastor da Igreja de Fortaleza, envolvida em fervorosas



preces e meditações, na realidade do Ceará, castigada e marcada pelo sofrimento das consequentes secas, desenvolveu um apostolado prodigioso, nas obras e gestos concretos, dando o melhor de si.

Nos primeiros meses em Fortaleza, tomava importantes medidas administrativas, como a divisão do território da Arquidiocese em cinco Vigararias Forâneas, nomeando um Vigário Forâneo para cada região, e o redimensionamento da área geográfica das Paróquias.

Criou 39 novas Paróquias; 45 escolas para

crianças carentes; 14 postos de saúde na periferia de Fortaleza, Escola de Serviço Social, hoje conveniada com a Universidade Estadual do Ceará (UECE), e os Hospitais São José e Cura d`Ars.

Dom Antônio Lustosa se empenhava, ainda, na coleta de meios para sustentar o Seminário da Prainha, onde eram ministrados os ensinamentos primário, secundário e superior, com centenas de alunos, professores e serviços.

Com seu espírito instituidor e fundador, fundou a Congregação das Joias e estimulou e atraiu

no seu tempo mais 22 instituições religiosas, que se instalaram no Ceará, e que muito ajudaram na sua ação pastoral.

Dom Lustosa foi um homem sábio e santo, com toda a sua vida e o que ele produziu através da sua palavra falada e escrita, indo ao encontro do mistério que ela professava, revelado no conhecimento, inspirado nas coisas do alto. A sabedoria de suas palavras e o exemplo de sua vida, na busca da retidão e santidade, tendo sua origem no Filho de Deus, que é a sabedoria encarnada do Pai, com certeza, convenceu e

encorajou muitas pessoas a viverem a sua fé.

Beatificação e Canonização

A Arquidiocese de Fortaleza, tendo à frente Dom José Antônio, abriu e encerrou o processo local de beatificação e canonização, remetendo-o a Roma, onde há mais de dez anos se encontra a causa de beatificação do salesiano Dom Antônio de Almeida Lustosa, conhecido como o "Bispo brasileiro da justiça social".

Homem que viveu intimamente unido a Deus, sempre preocupado com o bem-estar das pessoas. Foi pai e amigo de todos, praticando a caridade, no seu modo simples e santo de viver, até seus últimos dias de vida.

Dom Lustosa foi fiel a Deus em tudo e tinha como lema "*Sub umbra alarum tuarum*", referindo-se ao salmo 17: "Guardai-me como a pupila dos olhos, esconde-me à sombra de tuas asas, longe dos ímpios que me oprimem, dos inimigos mortais que me cercam".

Ao assumir seu múnus de Bispo e Pastor da Arquidiocese de Fortaleza, disse: "*Continuarei aqui simplesmente a trabalhar pelo Pai Nosso: Santificado seja o Vosso nome! Venha a nós o Vosso Reino, o programa de um Bispo é sempre o mesmo: cumprir o seu dever*".

Dom Lustosa faleceu em 1974, aos 88 anos de idade.

ORAÇÃO

Dignai-vos, Senhor, aceitar a caminhada do nosso irmão Dom Antônio de Almeida Lustosa rumo ao altar. Ele, que em vida soube ser servo fiel, imolando-se no pastoreio das almas, ensina-nos hoje admiráveis exemplos de virtudes cristãs praticadas com tanto zelo sacerdotal. Concedei, Senhor nosso Pai, a graça (pausa para pedir a graça) que por intercessão vos pedimos. Amém! Pai Nosso... Ave Maria... Glória ao Pai...